

PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Luís Fernando Lazzarin



EDUCAÇÃO ESPECIAL

PESQUISA EM EDUCAÇÃO

AUTOR

Luís Fernando Lazzarin

Santa Maria | RS
2017

©Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE.

Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Michel Temer

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Mendonça Filho

PRESIDENTE DA CAPES

Abilio A. Baeta Neves

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

REITOR

Paulo Afonso Burmann

VICE-REITOR

Paulo Bayard Dias Gonçalves

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO

Frank Leonardo Casado

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Martha Bohrer Adaime

COORDENADOR DE PLANEJAMENTO ACADÊMICO E DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Jerônimo Siqueira Tybusch

COORDENADOR DO CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

José Luiz Padilha Damilano

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

COORDENADOR UAB

Reisoli Bender Filho

COORDENADOR ADJUNTO UAB

Paulo Roberto Colusso

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO

Luís Fernando Lazzarin

REVISÃO LINGUÍSTICA

Camila Marchesan Cargnelutti

APOIO PEDAGÓGICO

Magda Schmidt
Siméia Tussi Jacques

EQUIPE DE DESIGN

Ana Letícia Oliveira do Amaral
Carlo Pozzobon de Moraes
Matheus Tanuri Pascotini

PROJETO GRÁFICO

Ana Letícia Oliveira do Amaral



L432p Lazzarin, Luís Fernando
Pesquisa em educação [recurso eletrônico] / Luís Fernando
Lazzarin . – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, UAB, 2017.
1 e-book

Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional
da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB
Acima do título: Educação especial
ISBN 978-85-8341-211-3

1. Educação 2. Projetos de pesquisa I. Universidade Federal de
Santa Maria. Núcleo de Tecnologia Educacional II. Título.

CDU 001.891

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM



Ministério da
Educação



PROGRAD



APRESENTAÇÃO

Este é o caderno didático da disciplina *Pesquisa em Educação* do curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria. Ele é composto pelo conteúdo mínimo necessário para instrumentalizar os alunos com os conhecimentos básicos para o desenvolvimento das atividades da disciplina. O material contém, de acordo com a estrutura proposta na ementa da disciplina, um resumo comentado de alguns autores considerados importantes na área de pesquisa em educação, além de comentários e contribuições do autor e propostas de atividades pedagógicas. **O intuito é que ele sirva como um guia para os estudos, que devem ser ampliados a partir da bibliografia referenciada.**



INTERATIVIDADE: no endereço <http://www.multiweb.ufsm.br/webtraining/gerais.php?consulta=lazzarin&enviar=Pesquisar> o estudante poderá encontrar diversas videoaulas sobre o material aqui apresentado.

O autor deste material didático é Luís Fernando Lazzarin, professor associado do Departamento de Administração Escolar da Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educação e vice-líder do grupo de pesquisa DEC – Diferença, Educação e Cultura CNPq/UFSM. Desde 2009, atua no curso de Licenciatura em Educação Especial a distância da UFSM, ministrando as disciplinas de *Processos Investigativos e Diferentes Representações da Língua*. É também autor do material didático das disciplinas de *Pesquisa em Educação*, *Introdução à escrita acadêmica*, *Educação Musical e Escola*, *Cultura e Identidade*, do Curso de Educação Especial a distância da UFSM.

ENTENDA OS ÍCONES



ATENÇÃO: faz uma chamada ao leitor sobre um assunto, abordado no texto, que merece destaque pela relevância.



INTERATIVIDADE: aponta recursos disponíveis na internet (sites, vídeos, jogos, artigos, objetos de aprendizagem) que auxiliam na compreensão do conteúdo da disciplina.



SAIBA MAIS: traz sugestões de conhecimentos relacionados ao tema abordado, facilitando a aprendizagem do aluno.



TERMO DO GLOSSÁRIO: indica definição mais detalhada de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.

SUMÁRIO

▷ APRESENTAÇÃO ·9

▷ UNIDADE 1 – PLANEJAMENTO DA PESQUISA E EXERCÍCIO DE ELABORAÇÃO DE PROJETO ·13

Introdução ·15

1.1 Indicações para a elaboração de um projeto de pesquisa ·16

1.1.1 Seleção do tema ·16

1.1.2 Produção do estado da arte ·17

1.1.3 Formulação do problema ·18

1.1.4 Definição de objetivos ·18

1.1.5 Definição de metodologia ·18

▷ UNIDADE 2 – TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS ·21

Introdução ·23

2.1 Entrevista ·24

2.1.1 Entrevista estruturada ·24

2.1.2 Entrevista semiestruturada ·25

2.1.3 Entrevista não estruturada (aberta) ·25

2.1.4 Entrevista narrativa ·25

2.1.5 Entrevista etnográfica ·26

2.2 Diário de campo ·28

2.3 Observação ·30

▷ UNIDADE 3 – ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS ·33

Introdução ·35

3.1 Comitê de ética em pesquisa ·37

3.2 Termo de consentimento livre e informado ·38

▷ CONSIDERAÇÕES FINAIS ·41

▷ REFERÊNCIAS ·42

▷ ATIVIDADES ·45

1

PLANEJAMENTO DA
PESQUISA E EXERCÍCIO
DE ELABORAÇÃO DE
PROJETO

INTRODUÇÃO

Os objetivos da unidade são: (I) reconhecer e aplicar as principais metodologias de pesquisa às temáticas da Educação e (II) construir um projeto de pesquisa para servir de subsídio para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso.

1.1

INDICAÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE PESQUISA

Um projeto é uma forma de planejamento da pesquisa. É um plano que traça um caminho a ser percorrido. Como tal, precisa ser flexível, estar aberto a alterações e modificações que se façam necessárias no decorrer do trabalho investigativo. Um projeto de pesquisa propõe-se a responder a, no mínimo, cinco perguntas básicas (DESLANDES, 2011):

1. O quê pesquisar? – é o objeto/problema de pesquisa. É uma delimitação e um aprofundamento de um tema relevante para a área e para o pesquisador. Geralmente, aparece em forma de questão ou pergunta. Requer reflexão e tempo de maturação. Comece a pensar nele desde já.

2. Por quê pesquisar? – é a justificativa, que ressalta a relevância, pertinência e/ou novidade do tema e do problema e esclarece as razões para que o projeto se efetue.

3. Para quê pesquisar? – são os objetivos da pesquisa. Não os confunda com o problema. Objetivo é tudo aquilo que o trabalho pretende alcançar depois de finalizado.

4. Como pesquisar? – é a metodologia, o caminho que se pretende percorrer para concretizar o trabalho. Procure detalhar ao máximo a abordagem metodológica, o método, o universo da pesquisa, os procedimentos e os instrumentos a serem empregados na coleta e na análise dos dados.

5. Quando pesquisar? – é o cronograma, que deve ser cumprido à risca. Estabelece prazos para o cumprimento das tarefas do projeto. Acostume-se a cumprir rigorosamente os prazos que você estipulou no cronograma. O pesquisador deve avaliar suas condições de dedicação à pesquisa, de permanência em campo e de acesso às fontes de dados.

Na sequência, confira algumas indicações para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa.

1.1.1 Seleção do tema

Durante o curso de graduação, procure conhecer os principais autores, grupos de pesquisa, publicações (revistas científicas) e eventos (congressos, fóruns, seminários) da área de Educação Especial. Esse contato é muito importante para que você selecione um tema com o qual você tenha afinidade e que, ao mesmo tempo, seja relevante para a área.

Lembre-se de que a pesquisa deve ser, simultaneamente, uma atividade prazerosa para o pesquisador e relevante para a área científica. Uma boa maneira para iniciar o projeto é começar o exercício de construção de um projeto de pesquisa a partir de um título (muito embora ele não seja o problema ou o objeto da pesquisa em si) e de um sumário (uma relação dos itens que deverão constar do

trabalho final). É importante ir “testando” as diferentes possibilidades de delimitação do tema.

Um procedimento preliminar é fundamental na construção do projeto de pesquisa: conhecer *in loco*, o mais antecipadamente possível, o contexto em que se pretende realizar a coleta de dados (em caso de trabalho de campo). Vá a campo (escola, associação, clínica, comunidade, ONG, por exemplo) preliminarmente para saber das condições efetivas de realizar o trabalho naquele lugar e a viabilidade da pesquisa pretendida. Muitas vezes, é preciso adequar o que se imagina sobre a pesquisa às reais condições que o campo oferece para implementá-la e concluí-la com sucesso. Nesta fase, denominada de pré-projeto, é recomendável explorar o contexto da pesquisa pretendida, avaliar as condições de possibilidade, o acesso, a disponibilidade de as pessoas, os grupos e de a própria instituição receberem e ajudarem o pesquisador em seu trabalho.

Delimite o tema: é preciso saber se o tema é viável, se há condições de tempo e recursos para realização da pesquisa. Algumas formas de delimitação são: geográfica, temporal, diastrática (por extratos), etária (por idade).

Um exemplo de delimitação:

- a. temática geral: educação especial;
- b. temática específica: educação de surdos;
- c. lugar: Santa Maria;
- d. período: de 2010 a 2015;
- e. faixa etária: Ensino Fundamental.

1.1.2 Produção do estado da arte

Não se faz pesquisa em uma área sem se conhecer minimamente o que é produzido, quais são os temas discutidos, que problemáticas são pesquisadas, quais abordagens são utilizadas nos estudos. O EA nos faz conhecer a gramática da área, ou seja, o vocabulário, os conceitos e as metodologias que são utilizadas pelos pesquisadores.

Além disso, ajuda a delimitar o tema e recortar o problema e a responder perguntas do tipo: em que sentido meu problema de pesquisa é relevante para a área, ou seja, como contribui para o desenvolvimento do campo da Educação Especial? A abordagem que proponho ao tema/problema (e esse propriamente) são originais? Em que sentido? O **estado da arte** de uma área pode ser realizado a partir das seguintes fontes:



SAIBA MAIS: para um roteiro de como realizar o estado da arte veja o vídeo do professor Luis Fernando Lazzarin em <http://www.multiweb.ufsm.br/webtraining/gerais.php?consulta=lazzarin&enviar=Pesquisar>

- a. Periódicos (revistas científicas impressas e online)
- b. Catálogos de bibliotecas
- c. Banco de Dissertações e Teses da CAPES
- d. Anais de eventos (trabalhos apresentados e publicados)
- e. Sites de grupos de pesquisa no Diretório CNPq

1.1.3 Formulação do problema

Um problema de pesquisa é uma construção teórica e argumentativa. Ele não está dado *a priori*. É fruto de um trabalho intelectual que articula e correlaciona empiria e teoria (autores clássicos da área e o estado da arte). Ele deve ter uma base conceitual, ou seja, deve articular o que o pesquisador vai encontrar em campo com aquilo que os autores já disseram sobre o tema. Um problema de pesquisa não é um problema social – não são sinônimos. A abordagem teórica não se separa da metodológica. Não faça revisões teóricas desarticuladas, exaustivas ou dissociadas do tema da pesquisa.

Cuidado com as "reconstruções históricas". O trabalho não é fichamento de bibliografia nem reescrita da obra dos autores em que você se baseia. Deve trabalhar com categorias analíticas êmicas, ou seja, a partir dos dados coletados deve-se estruturar o trabalho para analisar a lógica interna das práticas do contexto analisado. Um problema de pesquisa é um recorte. Policie-se! Cuidado com a pretensão de abarcar o mundo ou fazer o trabalho de sua vida. Quanto mais reduzido seu recorte, mais aprofundado seu problema poderá ser.

1.1.4 Definição de objetivos

Em um projeto de pesquisa, os objetivos representam tudo o que se deseja do trabalho depois que ele fique pronto. Exemplos de **objetivos** são:



ATENÇÃO: cabe lembrar ainda que não se deve confundir objetivos com problema de pesquisa.

- » Fundamentar políticas públicas em determinada área.
- » Aumentar o conhecimento sobre um tema pouco tratado.
- » Compreender uma realidade específica e pouco conhecida.

1.1.5 Definição de metodologia

A metodologia da pesquisa é, no fim das contas, a forma que o trabalho de pesquisa tomou em um sentido geral. A metodologia não é uma receita de bolo. Embora haja indicações, sugestões e recomendações metodológicas, cada pesquisador constrói um problema de pesquisa de acordo com uma visão de mundo particular, própria de sua subjetividade. Portanto, cada trabalho adapta essas recomendações metodológicas gerais a seu caso específico. É importante ter em mente as recomendações, mas cabe ao pesquisador usar de sua capacidade criativa e de sua autoria para construir seus próprios caminhos metodológicos. Em termos formais, costuma-se dedicar um capítulo específico para descrever os procedimentos metodológicos com o máximo de detalhes para que o leitor tenha condições de reconstruir o percurso da pesquisa.

A seguir, uma visão geral e resumida do projeto de pesquisa:

1. FASE DO PRÉ-PROJETO

» *Por quê?*

Estado da arte

Aproximação e seleção do tema

Relevância para a área

Contribuição efetiva para o desenvolvimento da pesquisa na área

Autoria

Novidade (na temática ou na abordagem da temática)

» *Para quê?*

Contribuição social da pesquisa

2. FASE DO PROJETO

» *O quê?*

Vinculação teórica (os “óculos” a partir do Estado da Arte)

Questão de pesquisa

Delimitação

Geográfica

Temporal

Etária/Funcional

» *Como?*

Produção e análise da Materialidade

Seleção de conceitos a serem operados

Universo e amostra da pesquisa

Instrumentos de coleta de dados (entrevistas, análise documental e diário de campo)

Tabulação de dados

Transcrição dos dados

Organização de categorias êmicas

Análise e discussão de resultados

» *Quando?*

Viabilidade e cronograma (prazos, atividades, meios, capacidade individual).

Exemplo de Cronograma					
Etapa	Mês 01	Mês 02	Mês 03	Mês 04	Mês 05
Coleta de Dados	✓				
Transcrição dos Dados		✓			
Análise dos Dados			✓		
Escrita do Relatório				✓	
Entrega do Relatório					✓

FIGURA 1: Exemplo de cronograma. FONTE: Equipe Multidisciplinar, NTE, 2016.

2

TÉCNICAS DE
COLETA DE DADOS

INTRODUÇÃO

Os objetivos da unidade 2 são: (I) conhecer os diferentes tipos de instrumento de coleta de dados em pesquisa qualitativa: entrevistas e diário de campo e (II) exercitar a construção dos diferentes tipos de entrevista e de diário de campo.

2.1

ENTREVISTA

A entrevista é uma “conversa intencional”, geralmente entre duas pessoas, embora, por vezes, possa envolver mais pessoas e ser dirigida por uma delas, com o objetivo de obter informações (MORGAN, 1988). É um instrumento ou método de coleta de informações, baseado em questionamentos objetivos ou subjetivos e utilizado, principalmente, nas pesquisas em Educação, Psicologia e Sociologia. A entrevista requer uma série de cuidados anteriores à coleta propriamente dita. Uma entrevista requer uma preparação pormenorizada e um cuidadoso planejamento. Uma boa entrevista deve ser elaborada tendo-se em conta a diversidade de questões e respostas, a maior eficácia de resposta, a interação direta entre entrevistador e a oportunidade para aprofundar os temas de interesse para a pesquisa. A entrevista só se transforma em documento utilizável na pesquisa, isto é, em fonte de dados, depois que é transcrita.

Para a realização da entrevista, além do contato pessoal entre entrevistador e entrevistado, podem ser utilizados diversos meios tecnológicos, como as TICs (e-mails, redes sociais, mensagens telefônicas, vídeo conferência...). Nos casos em que as perguntas forem enviadas por escrito ou em que o entrevistador não estiver presente, deve-se redobrar o cuidado com a escrita clara e objetiva para que a pergunta não suscite dúvidas no entrevistado e sua resposta não seja comprometida de alguma forma.

Também é preciso definir qual das várias formas serão utilizadas para registrar as entrevistas. Dependendo do caso, o entrevistador poderá fazer gravações de vídeo e áudio ou, ainda, registros escritos.

Quanto à organização das perguntas, uma entrevista pode ser:

2.1.1 Entrevista estruturada

Uma entrevista estruturada é realizada através de perguntas previamente elaboradas, que deverão ser lidas para o entrevistado (quando o entrevistador estiver presente) ou que o entrevistado deverá ler e responder por escrito (no caso de ausência do entrevistador). Em alguns casos, as respostas podem ser espontâneas (a questões abertas) ou escolhidas dentre alternativas fornecidas (questões fechadas) pelo texto da entrevista. Um questionário também pode ter algumas questões fechadas e outras abertas.

Exemplo de questão aberta:

1. O que significa para você ser aluna do curso de educação especial?

Exemplo de questão fechada:

2. Com quais destas temáticas mais se identifica?

- a. () Didática
- b. () História da Educação
- c. () Gestão e Políticas Públicas
- d. () Educação Especial

Como pontos fortes deste tipo de entrevista, podemos citar: a maior uniformidade no tipo de informação recolhida e maior facilidade na análise das respostas, uma vez que as categorias estão previamente definidas. Por outro lado, como pontos fracos, há uma redução da flexibilidade e da espontaneidade das respostas, ao mesmo tempo em que não considera circunstâncias ou elementos pessoais delas.

2.1.2 Entrevista semiestruturada

É uma entrevista baseada em um roteiro previamente elaborado pelo entrevistador. Não existem perguntas estabelecidas rigidamente, como na entrevista estruturada, mas um roteiro que funciona como um guia, cuja função principal é auxiliar o pesquisador a conduzir a entrevista para o objetivo pretendido de obter a informação de forma mais precisa e com maior facilidade. Uma entrevista semiestruturada requer a presença do entrevistador frente ao entrevistado.

Como pontos fortes da entrevista semiestruturada temos: a possibilidade de flexibilização, tanto no que diz respeito ao controle do tempo de duração da entrevista quanto à possibilidade de introduzir ou selecionar temáticas e novas questões. À medida que o entrevistado responde, novas questões podem ser inseridas na entrevista ou pode-se modificar o curso do interesse do entrevistador, através do surgimento de novos dados a partir da fala do entrevistado.

Uma entrevista semiestruturada permite, em tese, um contato mais informal entre entrevistador e entrevistado, tornando a entrevista uma conversa entre conhecidos, em que perguntas e respostas fluem no curso de um diálogo que pode ser instigante em termos de novos dados, anteriormente não supostos, e, ao mesmo tempo, controlável pelo interesse do pesquisador em qual direção seguir. Naturalmente, depois de tudo que foi dito, a elaboração de um roteiro de entrevista semiestruturada requer uma preparação do pesquisador, em termos de sua capacidade de captar os rumos que a entrevista assume e o que, no momento exato, pode ser produtivo ou não para o seu andamento.

2.1.3 Entrevista não estruturada (aberta)

O entrevistador propõe um tema e a entrevista desenvolve-se no fluir de uma conversa. As questões emergem do contexto imediato, tendo o roteiro de entrevistas como um guia. O entrevistador motiva, encoraja e orienta. Tem como ponto forte o fato de que proporciona melhores percepções individuais. Contudo, esta modalidade de entrevista requer mais tempo para planejamento e exige mais preparo do entrevistador.

A seguir, outros tipos de entrevista que podem ser utilizadas na pesquisa qualitativa (FLICK, 2009).

2.1.4 Entrevista narrativa

Podemos pensar a questão gerativa de uma entrevista narrativa nos seguintes termos: Quero que você me conte a história de sua vida. A melhor maneira de fazer isso seria você começar pelo seu nascimento, pela criança pequena que você um dia foi e, então, passar a contar todas as coisas que aconteceram, uma após a outra, até o dia de hoje. Você pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo também dar detalhes, pois tudo que for importante para você me interessa.

2.1.5 Entrevista etnográfica

É interessante pensar a entrevista etnográfica como uma série de conversas cor-diais e informais, na qual novos elementos são introduzidos pelo pesquisador para que os informantes respondam como informantes. Essa observação vale para todos os tipos de entrevista, sobretudo porque corre-se o risco de transformar a entrevista em interrogatório no qual o entrevistado pode se sentir pressio-nado a dizer o que ele supõe que o entrevistador queira saber.

Abaixo, algumas indicações para elaboração das perguntas da entrevista:

» Uma boa maneira de perguntar é ser direto e simples. A clareza do roteiro dependerá da forma como as perguntas são redigidas.

» Defina o perfil do entrevistado (grau de escolaridade, profissão, origens fami-liares, posição ocupada no grupo pesquisado, por exemplo). Determinar o perfil é fundamental para a entrevista. Dele depende a adequada formulação das pergun-tas e condução da entrevista.

» Crie um clima amistoso e descontraído para realizar a entrevista. O entrevistado precisa saber para que finalidade serão utilizadas as respostas que ele está dando. Uma entrevista não pode se tornar um interrogatório policial, no sentido de que o entrevistado não pode se sentir coagido a dar uma “resposta certa”.

» O entrevistador deve falar a linguagem do entrevistado. Às vezes, a convivên-cia na academia nos faz pensar que todas as pessoas, em todos os contextos, en-tendem nosso vocabulário e nossos conceitos. Não é bem assim. É preciso tradu-zir para a linguagem do entrevistado os termos que utilizamos, mesmo que para nós seu entendimento seja “natural” ou óbvio. Ao fazer as perguntas e ao redigir o roteiro, deve-se fazer uma análise das dificuldades de elaboração mental a que o entrevistado está sujeito. Simples mudanças na forma de se perguntar podem deixar o entrevistado mais à vontade para responder a indagação, sem demons-trar que estamos interessados em altas elucubrações conceituais. É aconselhável obedecer uma ordem crescente de dificuldades de respostas: das mais fáceis para as mais difíceis de serem respondidas.

» Não utilize na redação das perguntas palavras ou frases ambíguas ou vagas.

» Não faça perguntas longas ou que tenham uma introdução extensa.

» Não faça perguntas manipulativas ou indutivas de respostas.

» Faça blocos temáticos de perguntas que objetivam o mesmo assunto. As per-guntas devem ter uma ordem lógica e articularem-se entre si. Deve haver um fio

condutor da entrevista, que pode ser o próprio problema de pesquisa.

» É imprescindível eticamente fornecer algumas informações básicas aos entrevistados antes de iniciar a coleta de informações: o porquê da realização da entrevista, da escolha do entrevistado, qual a finalidade da entrevista e para que fins serão utilizadas suas respostas, comunicar a gravação da entrevista (e solicitar, ao entrevistado, a respectiva autorização para gravação).

» Em entrevistas presenciais, deve-se manter a continuidade da conversação. Evite perguntas que interrompam o fluxo do diálogo, por exemplo, perguntas que simplesmente tenham como resposta “sim” ou “não”.

2.2

DIÁRIO DE CAMPO

Um diário de campo é um dos instrumentos de coleta de dados utilizados em pesquisa qualitativa. Tem suas origens nos antigos relatos de viagem de descobridores, naturalistas e historiadores, que visitavam os novos territórios das Américas, Oriente e África e relatavam seus achados aos soberanos de seus países.

 INTERATIVIDADE: um bom exemplo de diário é a famosa descrição atribuída a Pero Vaz de Caminha no dia 1 de maio de 1500, relatando ao soberano português o que a armada portuguesa havia encontrado. Você pode encontrá-la em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf

Para Flick (2009, p. 269) o diário deve “documentar o processo de abordagem de um campo, as experiências e os problemas no contato com o campo ou os entrevistados e a aplicação dos métodos”. Após obter autorização do grupo ou da instituição é necessário definir quem ou o que será observado e durante quanto tempo isso será feito. É imprescindível a organização e a sistematização da coleta de informações através do diário. Geralmente, são produzidos registros a cada observação, denominados protocolos, que, para facilitar a organização e sistematização dos dados, devem trazer um cabeçalho com os principais detalhes observados: local, hora, duração e objeto da observação. As formas de registro são variadas e necessitam também ser definidas: haverá filmagens, gravações de áudio, registros escritos? Quando as transcrições serão feitas? É importante notar que mais de um meio pode ser utilizado para o registro de dados. Alguns pesquisadores preferem anotações rápidas e resumidas durante a observação para depois detalhar em um texto a ser elaborado posteriormente.

Segundo Ludke e André (2015, p. 35), o diário é um instrumento ao mesmo tempo descritivo e reflexivo. O diário como instrumento descritivo procura captar:

- » O retrato dos sujeitos (aparência, maneira de vestir, modo de falar e agir, particularidades dos indivíduos);
- » A reconstrução do diálogo (palavras, gestos, expressões faciais, pronúncia);
- » A descrição do espaço físico (desenho espaço, mobília);
- » O comportamento do observador (aspectos que possam interferir na coleta de dados);
- » Os relatos de acontecimentos (forma como aconteceram e natureza das ações);
- » A descrição de atividades (detalhamento corporal).

Ainda segundo esses autores, o diário de campo, como instrumento de reflexão, procura reconstruir:

- » O relato pessoal do observador sobre o material descritivo;
- » As especulações, problemas, sentimentos, ideias, palpites, impressões e preconceitos do observador, os pensamentos que lhe ocorrem, reflexões sobre o método (discussão sobre metodologia);

» Os conflitos e dilemas éticos (preocupações que surgem, valores e responsabilidades);

» O ponto de vista do observador (estudo dos pressupostos acerca dos sujeitos e do meio);

» Os pontos de clarificação (explicações de situações confusas).

A descrição e a reflexão não se dão de forma absolutamente separada uma da outra, mas ambas são interdependentes e podem acontecer de forma sincrônica. Pesquisadores com mais experiência costumam “costurar” seus textos de forma a integrar descrições e reflexões, tornando a leitura muito mais prazerosa e fluida. A divisão tem o intuito de explicar didaticamente os conceitos a pesquisadores principiantes e detalhar o processo de coleta e registro de informações no campo.

Um dos maiores problemas da observação refere-se à interpretação, ou seja, ao significado que será atribuído ao que está sendo observado (GIL, 2006). Muitas vezes, o diário de campo é relegado a uma posição de menor importância e seu uso bastante reduzido em pesquisas na área de educação. É importante insistir que o diário é uma excelente ferramenta para coleta de dados, podendo inclusive ser citado como fonte, da mesma forma que as entrevistas o são. O diário de campo, quando bem utilizado, transforma-se em um alter ego do texto final, em que o autor pode suspender a censura sobre suas ansiedades, dificuldades e problematizações.

2.3

OBSERVAÇÃO

No caderno didático da disciplina *Bases Epistemológicas em Educação* do curso de Educação Especial a distância já foi citado o uso da observação como o núcleo do método etnográfico. Valem aqui todas aquelas recomendações incorporadas desse método pela pesquisa qualitativa em educação. Ainda, é importante acrescentar alguns pontos, como lembram Ludke e André (2015, p. 30-32):

» A observação ocupa um lugar privilegiado nas abordagens qualitativas em educação.

» A observação deve ser fidedigna e rigorosa cientificamente.

» A observação deve ser controlada e sistemática. Por isso, precisa ser minuciosamente planejada e seu foco definido claramente.

» A observação proporciona o contato direto com o campo estudado, o "ver para crer".

» A observação permite ao pesquisador apreender a visão de mundo dos sujeitos da pesquisa e os significados por eles atribuídos à sua realidade própria.

» A observação é extremamente importante para coletar dados inacessíveis por entrevista (como no caso da pesquisa com bebês ou quando as pessoas deliberadamente negam-se a fornecer determinadas informações).

» A observação deve ser estabelecida na dialética entre familiaridade e estranhamento. Significa que o pesquisador deve policiar-se e ponderar a todo momento seu papel como participante e como observador e até que ponto a preponderância de um ou de outro afetam os resultados obtidos.

3

ÉTICA EM PESQUISA
ENVOLVENDO SERES
HUMANOS

INTRODUÇÃO

O s objetivo da unidade 3 são (I) identificar os princípios que regem a ética na pesquisa; e (II) conhecer as determinações legais sobre ética em pesquisa (Resolução 196/96) do Ministério da Saúde e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A etimologia da palavra ética tem a ver com o estudo das questões que envolvem os costumes morais e as características pessoais de cada um, no sentido de quais vícios ou quais virtudes cada um pode praticar (CHAUI, 2000). A ética estuda os princípios que orientam o agir humano.

Alguns princípios éticos regem de forma geral o comportamento do pesquisador:

1. O pesquisador deve manter uma atitude de respeito aos sujeitos participantes da pesquisa.
2. O pesquisador não deve sonegar ao grupo pesquisado nenhum tipo de informação que envolva seus interesses individuais ou coletivos.
3. O pesquisador é responsável pela devolução dos resultados da pesquisa aos sujeitos da pesquisa, garantindo o princípio ético da difusão e generalização de conhecimento científico.
4. O pesquisador deve comprometer-se com a confidencialidade dos dados obtidos e o sigilo das informações prestadas pelos participantes da pesquisa.
5. O pesquisador deve comprometer-se a respeitar os valores morais, religiosos e éticos das comunidades em que a pesquisa acontece.

No Brasil, o marco legal que rege a ética em pesquisa está definido na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Essa resolução estabelece quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça. A mesma resolução estabelece as implicações da eticidade em pesquisa (BRASIL, 2016). As principais delas são:

1. Respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia – o participante tem liberdade de escolha, a qualquer momento, em participar ou não da pesquisa.
2. Ponderação sobre os riscos e os benefícios da pesquisa – os benefícios devem sobrepor-se aos riscos.
3. Garantia de prevenção de danos previsíveis aos participantes.
4. Garantia da relevância social da pesquisa e seu caráter sócio-humanitário.
5. Utilização do material e dos dados obtidos na pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo, ou conforme o consentimento do participante.

3.1

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A Resolução 196/96 também estabelece a obrigatoriedade dos **comitês de ética** em todas as instituições, públicas ou privadas, que se dedicam à pesquisa envolvendo seres humanos. Os comitês têm função de, no âmbito da respectiva instituição, aprovar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos. Os comitês deverão ter composição multi e transdisciplinar, com representantes das áreas de saúde, exatas e humanas, sendo prevista também a participação de membros da sociedade, representando os usuários da instituição. São atribuições dos comitês de ética:



SAIBA MAIS: a partir do dia 15 de janeiro de 2012, começou a operar a Plataforma Brasil, uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP. Ela permite que as pesquisas envolvendo seres humanos sejam acompanhadas em seus diferentes estágios. Conheça a plataforma em http://portal2.saude.gov.br/sisnep/Menu_Principal.cfm

» Desempenhar papel consultivo e educativo, fomentando a reflexão em torno da ética na pesquisa com seres humanos.

» Acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa.

» Emitir parecer consubstanciado por escrito, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, identificando com clareza o ensaio, documentos estudados e data de revisão. O parecer indicará aprovação do projeto, reprovação ou indicação de correções no projeto.

3.2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

O princípio de respeito à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe com consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que, por si e/ou por seus representantes legais, manifestem a sua anuência à participação na pesquisa. Entende-se por Processo de Consentimento Livre e Esclarecido o conjunto de etapas necessárias para que o convidado a participar de uma pesquisa possa se manifestar, de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida. Essa manifestação é expressa no **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (TCLE) que deve:



INTERATIVIDADE: encontre modelos de TCLE em: www.pucpr.br/arquivosUpload/5383966171326821624.doc

- » Apresentar a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, incluindo o detalhamento dos métodos a serem utilizados.
- » Explicitar os possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa.
- » Esclarecer a forma de acompanhamento e assistência a que terão direito os participantes de pesquisa, inclusive considerando benefícios e acompanhamentos posteriores ao encerramento e/ou interrupção da pesquisa.
- » Garantir plena liberdade do participante se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, quando aplicável, sem penalização alguma.
- » Assegurar a manutenção do sigilo e privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa.
- » Explicitar a garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas decorrentes da participação na pesquisa.
- » Explicitar a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este material didático propôs a apresentação esquemática dos principais conteúdos metodológicos para elaboração de um projeto de pesquisa. A partir deste roteiro, o estudante possui as orientações básicas para instrumentalizar-se com as ferramentas do processo de pesquisa que o projeto incorpora. Ressaltamos que há muita bibliografia além daquela aqui referenciada e que deve ser consultada para aprofundar os estudos. Também lembramos que a pesquisa é uma atividade que requer exercício e treinamento e que o pesquisador aprimora suas habilidades à medida que pratica e experiencia o cotidiano da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Resolução 196/96 de 10 de outubro de 1996**. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde, Brasília, DF, 10 de out. de 1996. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf>. Acesso em: 27 set. 2016.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DESLANDES, S. F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, C. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método, criatividade**. São Paulo: Vozes, 2011. p. 31-50.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: EPU, 2015.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative reserarch**. Bervely Hills: SAGE, 1988.

ATIVIDADES

1. Experimente fazer o estado da arte a partir de alguma palavra-chave da área, como, por exemplo: inclusão, acessibilidade, educação de surdos. Siga as orientações do roteiro da videoaula para a leitura dos textos e sua organização.
2. Faça um exercício de elaboração de entrevista seguindo rigorosamente as recomendações. Pode ser um entrevistado virtual. Mais importante que as respostas são as perguntas e o exercício de elaborá-las da melhor forma.
3. Faça um exercício de escrita de diário de campo. Escolha uma situação que você viveu no dia a dia e tente descrevê-la, fazendo algumas reflexões sobre o que você viveu. A ideia de manter um diário é muito produtiva para quem pretende dedicar-se à pesquisa. A escrita do diário aguça a capacidade de percepção e desenvolve a escrita crítica. Utilize as orientações para escrever e organizar seus registros diários.
4. Elabore um mapa mental com as principais ideias norteadoras da ética em pesquisa envolvendo seres humanos.

